

Religião, política e a *re-existência* quilombola na Serra do Evaristo (CE)¹

Cauê Fraga Machado²
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo: Neste artigo, aprofundo os temas do religioso e do político no Quilombo da Serra do Evaristo/CE seguindo o percurso dos filhos de Maria até a retomada quilombola local, não como uma linearidade na qual Maria é o início e quilombo o final, mas como confluência das narrativas, nas quais as práticas políticas são somadas à fé em Maria, como na sindicalização, na filiação ao PT e na mais recente participação na movimentação negra nacional via encontros de comunidades quilombolas, missas inculturadas e Pastoral Afro da Igreja Católica. Ser quilombola é, neste caso, um percurso inacabado de uma constante criação política que soma-confluindo cultura e raça ao modo local de lutar, no qual quilombo passa a ser uma re-existência negra a partir do reacender quilombola.

Palavras-chave: Quilombo; política; religião; re-existência.

¹ Este artigo é o desenvolvimento de noções do político e do religioso a partir de dois capítulos de minha tese de doutorado (MACHADO, 2018). Ambos contaram com comentários de Evandro Bonfim a quem agradeço aqui.

² Mestre e doutor em Antropologia Social pelo PPGAS/Museu Nacional/UFRJ. Atualmente realiza pós-doutorado no Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde (NUPACS), vinculado ao PPGAS/UFRGS, e é bolsista Finep-CNPq na “Rede Covid-19 Humanidades”.

Religion, politics and quilombola re-existence in Serra do Evaristo (CE)

Abstract: In this article, I discuss the themes of the religious and the political in Quilombo da Serra do Evaristo (CE) following the path of Maria's devotees until the local quilombola resumption, not as a linearity in which Maria is the beginning and quilombo the end, but as a confluence of narratives, in which political practices are added to faith in Mary, as in unionization, in PT membership and in the most recent participation in the national black movement through meetings of quilombola communities, inculturated masses and Afro Pastoral of the Catholic Church. In this case, being a quilombola is an unfinished journey of constant political creation that adds culture and race to the local way of fighting, in which quilombo becomes a black re-existence from the rekindle of quilombola.

Keywords: Quilombo; policy; religion; re-existence.

Religión, política y reexistencia quilombola en Serra do Evaristo (CE)

Resumen: En este artículo profundizo en los temas de lo religioso y de lo político en Quilombo da Serra do Evaristo (CE) siguiendo el camino de los hijos de María hasta la reanudación quilombola local, no como una linealidad en la que María es el principio y el quilombo. el final, pero como una confluencia de narrativas, en las que las prácticas políticas se suman a la fe en María, como en la sindicalización, en la membresía del PT y en la más reciente participación en el movimiento negro nacional a través de encuentros de comunidades quilombolas, masas inculturadas y pastoral afroamericana. de la Iglesia Católica. En este caso, ser quilombola es un camino inconcluso de constante creación política que suma cultura y raza a la forma local de luchar, en el que el quilombo se convierte en una reexistencia negra del renacimiento del quilombola.

Palabras clave: Quilombo; política; religión; reexistencia.

Logo no início de meu trabalho de campo, no Quilombo da Serra do Evaristo (CE)³, fui convidado para ir a uma reunião no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Baturité. Por volta das 19h, deveríamos tomar o pau de arara (“o carro”) em direção ao centro do município. As técnicas corporais necessárias para andar corretamente no carro exigem mais quando é noite; todavia, a descontração ocasionada pelos reencontros de parentes, amigos e “companheiros” de luta não deixa de acontecer com a naturalidade e a alegria de sempre. Nesse dia, o carro não estava muito cheio, o que dá a sensação de maior segurança, ao menos para o antropólogo novato nesse meio de transporte. Os mais velhos, quando possível, sentam-se na boleia. Entre eles, encontra-se grande parte dos sindicalizados. Se, por ora, meu nervosismo em participar de tão importante evento foi amenizado pelo clima do encontro, no momento de subir na carroceria do pau de arara, a viagem serra abaixo fez o trabalho de trazê-lo de volta, com suas descidas íngremes e curvas sinuosas, além do completo breu, que permite apenas a escuta da paisagem. Visão, somente para os treinados ou, melhor, com corpos já afetados por esse tipo de situação e ambiente, portanto outros corpos e olhos que não os meus.

As conversas durante o caminho eram sobre a situação do município, os pedidos de afastamento de Bosco Cigano, o Prefeito, que havia descumprido regras com a empresa de coleta de lixo. Esse, diziam, era o menor dos erros do Prefeito, mas era a prova existente para tentar afastá-lo. O grupo de pessoas composto por homens e mulheres, jovens, adultos e idosos era de vinte pessoas.

Próximo à sede provisória do Sindicato – já que a oficial passava por reformas –, outros moradores e parentes do Evaristo aguardavam para entrar na reunião. Chegando lá, nos fundos da sede de outra organização, um espaço de aproximadamente 40 m² era ocupado por cadeiras dispostas lado a lado fechando um círculo. Aos fundos, para quem entra, uma longa mesa com as bandeiras do Sindicato e do PT (Partido dos Trabalhadores), e com térmicas com café, garrafas d’água e copinhos de plástico. Cerca de dez pessoas já conversavam no recinto, mas foi a chegada do povo do Evaristo que encheu a reunião.

As eleições para presidente do país aproximavam-se e o clima de campanha e de “assuntar” sobre a política era grande, sobretudo por conta da possibilidade de afastamento do Prefeito, que tinha como vice uma filiada ao PT. Assim, o que para todos os efeitos seria uma reunião do Sindicato logo se mostrou ser reunião do Partido, o que incomodou alguns, e fez de mim alvo de suspeitas. Nesse tipo de reunião, a identidade de todos os presentes deve ser conhecida. Um dos presentes levantou e perguntou quem eu era. Um dos moradores disse que era um “amigo do Evaristo”. Outro militante pediu que eu me apresentasse então (“*se eu não fosse um espião, isso [participar da reunião] não seria problema*”), o que fiz de imediato, explicando que era um estudante de antropologia que realizava meus estudos de doutorado na Serra. Tal anúncio foi acompanhado de satisfação

³ Comunidade autodeclarada quilombola localizada na Região do Maciço do Baturité, no interior do Ceará, que ocupa a região serrana do Estado. O Lugar é composto por aproximadamente cem residências e quatrocentas pessoas se incluímos aquelas que ali vivem sazonalmente por motivos do trabalho fora da comunidade.

geral: “um antropólogo! Estamos precisando mesmo! Você vai poder ajudar o Evaristo nas coisas de quilombo”⁴!

Depois disso, a reunião teve seu início oficial, com a abertura da ata. Além de tratar sobre a situação do município, falaram sobre um golpe que a direita, os coronéis, doutores, as elites enfim, armavam contra o povo ao tentarem eleger Aécio Neves (o então candidato do PSDB) e difamar Dilma Rousseff e Luiz Inácio Lula da Silva, o Lula. O tema do Programa Bolsa Família foi um dos mais abordados. Um dos presentes disse: “eles [da elite econômica,] são contra o Bolsa Família, mas não contra as bolsas em pós-graduações e no exterior para seus filhos”. Nesse momento, o falante olhou para mim. Ao final da reunião, tive de deixar claro que não era contra a luta deles, pois um estudante de doutorado faria parte, do ponto de vista local, da elite que tanto queria acabar com Programas Sociais como o Bolsa Família.

Após o término da reunião, foi tempo de confraternizar, tomar café e falar sobre amenidades. O prolongamento da reunião tarde da noite para a viagem de volta fez com que tivéssemos de correr para o pau de arara a fim de subir a Serra. O caminho de volta é feito como se uma grande festa tivesse se passado, durante a qual se comenta tudo e se fica animado com as possibilidades futuras. Da queda do Prefeito ao café sem nada para comer, os assuntos são acompanhados das gargalhadas e piadas, que fizeram da minha experiência noturna no pau de arara algo mais ameno.

O tema do Quilombo fora tocado *en passant* durante a reunião, mostrando que, aos poucos, mas com intensidade, ele passa a povoar os assuntos do Partido, bem como do Sindicato. O que não exclui, mas insere e dá maior importância à Serra do Evaristo como coletividade carregada de política e politização em Baturité, haja vista que a própria existência da Comunidade é fruto de uma politização da vida, do mundo habitado. Como busco demonstrar, desde a política formal até a religiosidade local, marcada pela presença da Teologia da Libertação e pelo culto à Maria, existe um processo de heterogênesse que combina o político e o religioso, e que produz influências mútuas e novos modelos de organização.

Neste artigo, aprofundo os temas do religioso e do político, seguindo o percurso dos filhos de Maria até a assunção quilombola local, não como uma linearidade na qual Maria é o início e quilombo o final, mas como confluência⁵ das narrativas, nas quais as práticas políticas são somadas à fé em Maria, como na sindicalização, na filiação ao PT e na mais recente participação na movimentação negra nacional via encontros de comunidades quilombolas, missas inculturadas e Pastoral Afro da Igreja Católica. Ser quilombola é, neste caso, um percurso inacabado de uma constante criação política que soma-confluindo cultura e raça ao modo local de lutar, no qual quilombo passa a ser uma re-existência negra, parte do reacender do Evaristo.

⁴ Devido a ideia difundida de que quilombos necessitam de antropólogos e de advogados para conseguir garantir seus direitos. O papel do antropólogo estaria mais relacionado a elaboração de laudos que provassem a existência desses coletivos. Como se sabe, isso é verdade, apesar de uma leitura possível ser a de que a autodeclaração seria suficiente como “prova” (tema de artigo em construção) de sua “quilombolidade”. Ainda que, parcerias bastante profícuas entre quilombolas e antropólogos existam de fato, sempre penso que quem precisa dos quilombolas é o antropólogo.

⁵ De acordo com Bispo dos Santos (2015: 89) confluência se refere ao pensamento contra-colonialista e politeísta dos povos pindorâmicos, que ensina que nem tudo se junta se mistura e, portanto, rege “os processos provenientes da ação política dos povos politeístas. A despeito do catolicismo monoteísta, as práticas políticas e religiosas do Evaristo se aproximam do modo como Bispo dos Santos desenvolve o conceito de confluência. Como ficará claro ao longo do texto, o catolicismo local tem na figura de Maria sua maior devoção, seguida pela a São Gonçalo (MACHADO, 2018; 2021). Desse modo, as narrativas, ações, formulações, abstrações do povo do Evaristo são tomadas nesse artigo como resultado de confluências, não de sínteses, tampouco consensos ou misturas ao estilo hibridismo ou sincretismo.

Seja no cotidiano, ou no ‘tempo da política’, a vida dedicada à Maria e à militância política afetam-se mutuamente: fazendo dos ritos católicos ações políticas, também. As políticas para promoção da igualdade racial, especialmente as voltadas para comunidades quilombolas, não serão lidas como encerramentos da criatividade em modos de existir étnicos e culturais fechados, mas como ‘políticas que multiplicam o possível’, para usar expressão de Viveiros de Castro (2008).

Aproximo a noção de re-existência àquilo que Stengers chamou de *reclaim* e que nas falas nativas aparece como “resistência” e “reacender”, um reacender de uma resistência ancestral, mas não exatamente ancestral do ponto de vista das sucessões geracionais. Era algo “adormecido”⁶, como me contou Seu Alfredo; “a política estava lá, como se fosse ‘parte do nosso DNA’”. A analogia com o DNA e a algo que se pode acender, não a partir do nada, traduz o que chamo de re-existir se aproximando também do que, no sentido de Guattari (1990), é a possibilidade de reafirmação da vida e a vida ela mesma. Sempre um ato de re-existir. Portanto, não resistência apenas no sentido de reagir a algo, como ao Estado, ao Cão, aos *Malassombros*, ainda que re-existir também guarde esse sentido reativo.

Contudo, re-existir é, antes de tudo, uma estética da contra-efetuação da existência atual. Em outras palavras, modos de existência fundados numa criatividade própria que significa, discursiva ou corporalmente – e o discurso é ‘incorporado’ e ‘performatizado’ (WADE, 2002) –, ‘palavras-conceitos-categorias’ que tenderíamos a compreender em algum sentido puramente utilitário, como no senso comum: ser quilombola somente porque são tradicionais, por que querem retomar ou demarcar as terras que habitam, porque são negros. Trata-se de uma contra-efetuação dos sentidos usuais de quilombo, que conecta índios, negros, parentes, casas, território, arqueologia, beleza, missas católicas etc. O quilombo não é resistência a algo, não é só reatividade, é uma produção ativa de um conceito existencial que contra-efetua a categoria político-jurídica em sua forma atual, somando e subtraindo experiências atuais-virtuais e virtuais que se atualizam, mas que, como a palavra movimento em movimento político deve indicar, logo se movimentam excluindo e adicionando novas questões, categorias, conceitos, vidas.

Para demonstrar esse argumento, trato das formas organizativas, momentos críticos e marcos importantes para se entender a configuração do político no Evaristo. Início pela descrição da Associação de Moradores, que se apresenta como Kolping e quilombola, para depois passar ao sindicato, ao partido político e a militância pré-*reclaim* quilombola. Depois, comento o ‘tempo da política’, propriamente dito, que coincide com as eleições presidenciais de 2014. Além disso, existem situações nas quais mesmo o Padre, mais alto poder católico na Região, pode ser questionado por suas escolhas políticas consideradas não cristãs. Pois, em missa campal, deu a entender ter votado em Aécio Neves, quando disse que foi às urnas vestindo azul (cor ligada ao PSDB) e não vermelho (cor ligada ao PT), como muitos do Evaristo. O que logo causou furor e revolta: “como esse Padre é feio”, “a cor azul é bem mais feia mesmo”, “esse Padre de azul é contra nós, é contra o povo, ele é feio mesmo”. O que faz do padre cada vez menos parceiro cristão, e de outros padres militantes mais cristãos.

⁶ O que está próximo de alguns movimentos políticos indígenas, como quando é o caso dos encantados, de instrumentos e até das línguas que não estão desaparecidas e precisam ser recuperadas ou retomadas, mas algo que está adormecido e esperando o momento para “reacender”. Como é o caso dos encantados dos Tupinambá da Serra do Padeiro; de instrumentos como o grande trocano xinguano e até das línguas, que não estão desaparecidas e precisam ser recuperadas ou retomadas, como no caso do idioma Krenak. Mas antes são entendidos com algo que está adormecido esperando o momento oportuno para reacender. Ver também Alarcon (2013).

Ao final, retorno ao território como espaço político, com Maria e as novenas dedicadas a ela percorrendo todo ambiente, através da circulação pelas casas desse ritual. O território é, também, uma escavação devido aos achados arqueológicos de antigos índios que ali viviam. É, justamente, por causa dos indígenas que a ‘prova’ de que o território e suas pessoas são quilombolas aparece. No encontro político de escravos e índios, nasceu o quilombo, que virou terra do Evaristo, que agora re-existe compondo-se enquanto raça quilombola que habita o lugar sob a proteção da Padroeira, Imaculada Conceição.

Associação

Em 1989, é fundada a Associação Kolping Serra do Evaristo, evento precedido de celebração eucarística realizada pelo Padre Antônio Salto – todo ato político deve, preferencialmente, ser antecedido de algum rito ou mística católica; deve, também, ser encerrado pelo religioso. Desde o início, a Obra Kolping estava presente auxiliando na organização comunitária e no associativismo, sendo isso parte de sua missão como agente internacional católica. A presença do Padre também não é à toa, desde a entrada da comunidade em organizações políticas dentro ou fora do Evaristo, o catolicismo apresenta-se como forma principal de organização da luta.

A Obra Kolping do Ceará e do Brasil são partes da Obra Kolping Internacional. O grupo católico define-se como “uma associação católica que atua no campo social a serviço do trabalhador e sua família. Nossa missão é transformar realidades sociais no exercício da cidadania através do desenvolvimento profissional, ambiental, cultural, religioso e comunitário” (conforme descrição na *homepage* Kolping do Brasil). Desde o Vaticano II, essa tem sido uma das principais diretrizes da Igreja Católica que, na busca por relevância no mundo contemporâneo, procura voltar seu olhar e suas ações para “o local”, incluindo o desenvolvimento de concepções teológicas para informar tal relação, como é o caso da Teologia da Inculturação⁷. Os grupos locais associados à Obra Kolping são chamados de Comunidade Kolping e devem comungar com os ideais da Associação, ligados a formação para o trabalho, a formação do trabalhador e valorização de determinados grupos minoritários, especialmente camponeses. Uma Comunidade Kolping, geralmente, consiste em grupos de artesãos, associação de lavradores, grupos de crianças, jovens e idosos, clubes de mães, círculos culturais, grupos de alfabetização, escolas sociais, grêmios esportivos. Na Serra do Evaristo, com exceção do último grupo, todas as outras demandas são atendidas por programas da Kolping. Além desses, a Obra tem trabalhado a valorização étnica em grupos indígenas e quilombolas e promovido a compra de terras e a construção de cisternas. Essas políticas são fundamentais para existência do Evaristo, haja vista a importância das águas e da terra para plantar e, agora, do orgulho de ser quilombola. Dona Socorro, importante liderança local (espécie de *big man*), já fez parte da diretoria da Kolping do Brasil, e hoje o professor Evandro faz parte da diretoria nacional, cuja sede localiza-se em São Paulo Capital. O Cardeal D. Odilo Scherer, Arcebispo de São Paulo, é, inclusive, protetor da Obra Kolping do Brasil. Sua fundação na cidade de Colônia na Alemanha pelo padre Adolf Kolping⁷ faz com que até hoje o intercâmbio Brasil-Alemanha seja intenso. Quando estava em campo, presenciei

⁷ Adolfo Kolping (1813-1865) foi um sacerdote católico alemão conhecido como “pai dos jovens artesãos”, pois sua obra com esses jovens foi um modo de resolver problemas sociais de seu tempo. Foi beatificado em 1991 pelo Papa João Paulo II. Kolping, assim como Dom Bosco, fazem parte de uma geração que assistiu à industrialização que precedeu a unificação dos Estados Alemão e Italiano e que trouxe muitos camponeses para as cidades. Para Dom Bosco, a formação profissional era muito importante como forma de se evitar a miséria.

a visita de membros da diretoria da sede internacional. A missionária alemã já havia morado no Brasil e conhecia o Evaristo e suas pessoas. Muitos dos moradores do Evaristo já haviam ido para Alemanha para participar de cursos de formação e conhecer o túmulo de Adolf Kopping.

O retorno ao Brasil é marcado pelo compartilhar das experiências e com uma participação mais intensa na Associação de Moradores. A criação da Associação de Moradores a partir da Obra Kolping em 1989 ocorre de forma concomitante com a filiação em massa ao Partido dos Trabalhadores (PT). Como me disse Seu Aldemir: “era a primeira vez que a gente ouvia falar em um partido com a palavra trabalhador, daí todo mundo correu se filiar. E tinha o Lula, nordestino que nem nós, né?”. Aqui a importância do *ethos* de trabalhador que liga o Evaristo à Obra Kolping e ao PT, isso também faz parte da re-existência quilombola.

Contudo, a luta política dos habitantes da Serra é marcada, conforme a maioria dos relatos, como tendo seu início em 1984 com a passagem do Padre Fairos, ligado à Teologia da Libertação. Ele traz os ideais ‘da oração para ação’, e é nesse período que o trabalho “alugado” – regime em que se trabalha na terra do patrão em troca de uma pequena parte do que é produzido – começa a ser questionado. Conhecem o padre, pois algumas lideranças saem da Comunidade para fazer seminários e estudar o catolicismo e a militância católica. Contam que a Fazenda Jardins, vizinha à Serra, local onde a maioria trabalhava, era de proprietário muito explorador. Quando começaram a reivindicar melhorias na situação de trabalho, foram reprimidos e demitidos. Mais tarde, já formada a Associação Kolping, quando a Fazenda Jardins já dava sinais de falência, tentaram comprar as terras vizinhas, mas o dono se recusou a vender para a “negrada do Evaristo”. Por uma “ética cristã”, como dizem, não ocuparam as terras e hoje lamentam, pois acabaram por comprar em outro município, Aracoiaba, a fazenda que nomearam Manos Kolping, uma extensão do Evaristo. A Fazenda Jardins, mais tarde, completamente falida, fora comprada pelo governo e transformada em assentamento do MST (Movimento Sem Terra).

A Associação como re-existência quilombola

Em 2010, após escavações arqueológicas e visitas de militantes do movimento negro, os associados decidem submeter à Fundação Cultural Palmares a carta de pedido de certificação da Comunidade como sendo quilombola. Isso acarreta a mudança do nome e do status jurídico da associação, agora Associação Kolping Quilombola Serra do Evaristo.

Dona Socorro e Professor Evandro contaram que algumas pessoas que se diziam do “movimento negro” começaram a aparecer na Comunidade para falar sobre raça e sobre quilombos. Diziam que eles eram negros e que eram quilombolas e que tinham direitos específicos dentro de políticas públicas para essa população. O modo como chegaram na Serra e as ideias de desenvolver projetos que dariam lucro para esses militantes fez com que a comunidade optasse por não aderir ao projeto de ‘identificação étnica e racial’. “Queriam ganhar dinheiro às nossas custas. Mas a gente conhece. Trabalha com projeto há muito tempo” (Dona Socorro).

Tempos mais tarde, a descoberta de que os potes de barro existentes ao longo das terras e o aparecimento de uma caveira debaixo da poeira eram artefatos arqueológicos fez com que pesquisadores voltassem o olhar para o Evaristo. A partir de um projeto de arqueologia educativa e comunitária, jovens da comunidade fizeram cursos para trabalhar com arqueólogos nas escavações e na concepção de

um ecomuseu e de um museu comunitário⁸. O primeiro refere-se a todo o território enquanto um museu a ser visitado, no qual o modo de vida de seus habitantes faz parte também. Aqui, pode-se notar a concepção ecológica do território no qual o ambiente é vivido e experienciado. Tal noção é reforçada pela descoberta arqueológica e é classificada dentro do que na disciplina se chama ecomuseus. O segundo trata-se de um projeto do IPHAN que construiu uma pequena casa com sala de exposição, reserva técnica, banheiros e um escritório, no qual as peças das escavações e artesanato feito pelos habitantes do Evaristo e pelos índios Canindé (com quem possuem relações de amizade e parentesco) ficam expostos. Esse museu é mantido pela própria comunidade que, com o dinheiro ganho com visitas, paga a energia gasta com ar-condicionado da reserva técnica (sua maior despesa).

O crâneo, nomeado de Tio Chico, um antigo morador da Serra, foi para os Estados Unidos para passar por estudos com o carbono 14. Sua datação é estimada para o período pré-colombiano, aproximadamente no século XIII. Na urna funerária em que foi encontrado, frutos como o caju já eram enterrados com os indígenas – ainda não se sabe de qual etnia – que ali viviam. Durante o processo, ainda inacabado, de escavação e de reconhecimento de todo o sítio arqueológico, as professoras coordenadoras do projeto disseram que o Evaristo era um quilombo. Como conta Dona Socorro, “quando descobriram os índios aqui, ficou provado que a gente era quilombola”. Nesse tempo, a comunidade reuniu-se em assembleia para decidir se era ou não quilombola. Apesar de algumas discordâncias, decidiram que sim. Formularam carta endereçada a Fundação Palmares e em 11 de fevereiro de 2010 receberam a certificação oficial.

Além disso, foi o cemitério indígena e a familiaridade com outros artefatos presentes no território uma das chaves para a compreensão do ser quilombola, como conta Seu Alfredo:

É por isso que eu digo assim, quando eu fui sair pra fora, que eu fui estudar lá na Paraíba, que a gente conhecia um pouco das histórias, que estudava sobre Lampião, por onde ele passava, outros movimentos revolucionários que ocorreram no Brasil, guerras, né? Aí falavam de escravos que fugiam e que formavam os seus grupos, né? Aí a gente começou a se tocar: “rapaz, será que lá na minha Serra alguém passou por lá?”, aí eu comecei aos poucos a ver algumas coisas que antes eu não via. Por exemplo, eu tinha uma senhora aqui, uma velhinha, ela celebrava os novenários, e uma parte da novena ela rezava em latim. Rapaz, eu vim para cá na Paraíba estudar e os professores sabem latim e eu não sei nada de latim, não sei pronunciar uma palavra e essa velhinha lá sabe, né? Então a gente via e depois a gente começou a ver... quando eu voltei para cá que eu comecei a ver alguma coisa que tinha aqui e que não era próprio daqui, dos tempos atuais. Alguns objetos que aparecem que a gente... que não era costume da gente aqui ter esse objeto. A gente pesquisava... eu mesmo tomei a iniciativa de pesquisar. O pessoal encontrava aqui alguns machados de pedra e a gente perguntava aos mais velhos: “O que é esse machado aqui, e essas pontas de pedra?”. “Ah, isso aqui é que desce do céu, quando abre aquele relâmpago e aí ele parte a mangueira no meio e isso fica aqui em cima da terra”. Aí eu fui pesquisar sobre esses raios e o raio era uma fásca que desce pelo choque das nuvens. Então aqui deve ter alguma coisa estranha. Eu acho que quando a gente estuda um pouco a gente abre um pouco a mente e a gente deixa de ser aquele que aceita o que o pessoal diz e sente vontade de pesquisar. Aí eu tive a iniciativa de escavar um pote disso. E o pessoal mais velho dizia que essas coisas que têm aí é ouro enterrado, e quem enterra e tira alguma coisa daí em pouco tempo morre. E eu dizia: “agora eu vou morrer!” [risos], “se eu arrancar um pote desses”. Aí eu fui arrancar para ver o que é que tinha dentro. Muita gente curiosa queria saber o que tinha dentro. Aí que eu fui descobrir que tinha ossos humanos dentro. Tinha arcadas dentárias, inferior e superior, aí tinha alguns pedaços de osso de alguém dentro... E eu disse: “Rapaz, aqui tem gente enterrada” [risos]...

⁸ Importante notar que, para os habitantes, os dois museus são alvo de orgulho, algo que coloca o Evaristo como “importante para conhecer o Brasil”. Além disso, o Museu Comunitário é referido como prova de sua “quilombolidade” e de sua “mistura com os índios que é nossa essência de quilombolas”.

Outra liderança, Vilson, fala que o fenótipo de boa parte dos habitantes da Serra é de indígenas e isso era uma questão que lhe preocupava, pois como poderiam se “identificar como negros, se somos mais parecidos com índios. A questão da aparência física marcou boa parte do debate comunitário sobre “ser quilombola”, bem como a discussão em torno de uma possível titulação coletiva das terras. “Aqui todo mundo sempre teve suas terras, não vou dividir a minha com ninguém por causa do quilombo. Não deixo nem IPHAN, nem INCRA⁹, nem ninguém mexer no que é da minha família” (I.M.).

À primeira vista, os moradores acreditavam ser necessária uma transformação muito radical no modo de existir – “virar negro e uma comuna” – a partir do que falavam funcionários do INCRA nas reuniões, o que não estava de acordo com o sentimento da Comunidade. Mas a Certidão da Fundação Palmares e o cemitério indígena entraram em um agenciamento interessante com a Igreja Católica e as missas inculturadas. Ali, vislumbrou-se que quilombo era outra coisa, que não tinha que ser uma resposta às questões do INCRA, mas que a vida dos habitantes do Evaristo era quilombola, que sua raça – com fenótipo indígena, negro ou moreno – era uma raça quilombola e isso ficou comprovado, como eles dizem, contraefetuando as categorias adventícias. Quando um Padre comparou a luta de Zumbi dos Palmares à de Jesus Cristo, tudo pareceu fazer sentido¹⁰. Agricultores-católicos que são, também descendem de Zumbi na raça e na luta contra a grande propriedade e contra a exploração do trabalho. Seguiu-se a linha da Teologia da Libertação que trabalha com a categoria oprimido e valoriza a cultura dos segmentos pobres da população, como negros e trabalhadores rurais. Enfim, a partir da linguagem religiosa, é possível localizar uma re-existência política, a re-existência quilombola. A titulação da terra ainda está em aberto, apesar de risco de intrusões e litígios, o povo do Evaristo adia esse debate enquanto pode. É preciso lembrar, do modo violento como o esbulho e as relações de clientelismo se dão, acarretando em recuos não apenas por medo, mas por uma ética de respeito e consideração por aquele que um dia ajudou – ainda que essa pessoa possa ter adquirido parte das terras de modo suspeito.

Assembleia na Associação

Nas sessões anteriores, comentei a construção da Associação e sua participação no processo de re-existência quilombola. Nesta sessão, comento os tipos de encontros e mobilizações ocorridos ali mediante descrição de uma assembleia que acompanhei em trabalho de campo. A assembleia da qual participei tratava dos mais diversos assuntos ligados à vida comunitária e ocorreu no Ponto de Cultura. Como sempre, foi com a mística católica que o encontro teve seu início. Após os cânticos, seguidos da leitura do Evangelho (a passagem de Jesus sendo tentado por 40 dias no deserto) e a lembrança do tempo da quaresma e seu significado, a parte comumente entendida como política pode começar. Contudo, isso é uma distinção de quem observa, não de quem vive. Política é religião, afinal de contas o Evaristo é, ele mesmo, um movimento político, que é religioso, porque o político

⁹ Importante notar que, assim como Velho (1995) já havia observando, os agentes do mal podem ser aqueles que vêm de fora, pessoas ou, neste caso, instituições. Parece haver uma visão do INCRA como uma espécie de Besta Fera, ao passo que com a Fundação Cultural Palmares e com o IPHAN os agenciamentos foram sempre de parceria positiva em editais e projetos. Todavia, a Besta Fera, aqui, precisa ser relativizada, pois como o aprofundamento da interpessoalidade agentes do mal, podem vir a se tornar parceiros, mudando de categoria ao fazer coisas boas e bonitas pela Comunidade. Quando solicitado, o INCRA é bom, porque vem da forma mais bonita e respeitosa ao Quilombo.

¹⁰ O agenciamento do catolicismo aqui se assemelha ao desenvolvido por Velho (1995), no qual a cultura bíblica é uma chave de entendimento para o campesinato. No caso do Evaristo, a fala do padre utilizando motivos bíblicos traz Zumbi para os referenciais de luta dos habitantes da Serra.

funciona baseado “no assentamento da palavra de Deus”. Encarnar os princípios cristãos do catolicismo local inclui a ideia de luta política contra desigualdades e a favor de direitos. Essa é a política local, em que as categorias bíblicas atuam como categorias de percepção e luta política, sendo que a própria passagem lida trata da questão de quem governa o mundo e como deve ser a participação do cristão na governança.

Voltando à assembleia, em uma mesa, secretários coordenam inscrições de fala e cuidam do tempo e das pautas a serem cumpridas. Ao redor, num grande círculo, posicionam-se as cadeiras ocupadas pelos demais participantes. Logo no início, Seu Alfredo, fala para: “não culpar governantes, governantes não vão colocar Deus no coração das pessoas. Ser cristão é ser um igual ao outro. Em seguida, Vilson, fala de uma “epidemia” associada ao uso da Internet que pode levar pessoas a aderirem a movimentos considerados extremos (“matar sem motivos e a ameaça mundial do terrorismo”). Aqui podemos notar a conexão entre as diferentes falas, pois por mais distante que pareça determinada temática, a ação política é ser um bom cristão. Vilson, também, traz notícias de um jovem de São Paulo que teria aderido ao Estado Islâmico, outro risco ao cristianismo. Seu Alfredo pergunta retomando a leitura do evangelho: “mas quais são as tentações de hoje?”. Ele mesmo responde: “existem pessoas com atitudes de Satanás”. Tal declaração traz novamente à assembleia a importância do tempo da quaresma. Após essas considerações nas quais o político e o religioso vão se imbricando mais e mais, os pontos da pauta da assembleia são retomados.

O primeiro dele diz respeito à Fazenda Manos Kolping e ao trabalho no sertão. É preciso saber quem vai participar do “toco” nos roçados do “campo”, ou seja, trabalhar e também ficar de castigo (aqui novamente pode-se evocar a constatação de Velho (1995) para a relação entre trabalho, cativo e escravidão para o campesinato brasileiro. Enquanto ocorre a discussão sobre a entrega de sementes pela EMATER para que o “toco” possa acontecer, várias mulheres manifestam seu interesse e necessidade em falas que não seguem mais a ordem da mesa e nem são por ela podadas. Tudo começa a acontecer como numa grande conversa de família¹¹: uns discutem a pauta, outros botam o papo em dia; recibos, pagamentos e cadernos de finanças circulam também. Como dizem, “tudo é circular”, e quando as coisas e as palavras começam a circular, a política acontece. Assim, a concepção de “circular” abrange a possibilidade de os turnos de fala serem tomados sem ordem prévia ou autorização formal.

O segundo ponto de pauta era para ser uma votação sobre a possível volta do médico cubano à Comunidade. Alguns queriam, outros não. O argumento contrário era o de que ficaria mais fácil para os vizinhos dos Castelos chegarem mais cedo e pegarem todas as fichas para atendimento, não restando horário para o Evaristo. Dona Socorro tomou a frente e, a partir da intervenção dela, decidiu-se que votar não era a melhor alternativa, que era preciso discutir mais e com mais pessoas, até que todos da Serra tivessem opinado. Logo após esse debate, que foi protelado para uma ocasião em que mais posições fossem ouvidas, os habitantes teriam que discutir a imposição pela prefeitura de um micro-ônibus que passaria a buscar os alunos que estudam na cidade. Por conta de nova lei, levar crianças no pau de arara estava proibido. Restou aceitar, mas não sem que acontecesse um debate. É sabido que a estrada do Evaristo, quando chove, não permite que outro tipo de veículo, exceto o pau de arara, transite. O pau-de-arara, também, podia dar carona aos moradores que desejam descer e subir a Serra por quaisquer mo-

¹¹ Ver Comerford (2002).

tivos. Além disso, somente alunos poderiam pegar o micro-ônibus. Mas no quilombo é assim, “quando não se gosta de uma coisa a gente até aceita, mas não sem antes tentar mudar”. Do caso do micro-ônibus, já não negociável, os moradores conseguiram exigir que a prefeitura recuperasse e construísse a tão esperada estrada, só assim os alunos poderiam andar em tal veículo em segurança e, mesmo nos dias de chuva, não perderiam as aulas. Nessa maneira de lidar com a situação, tem-se um pressuposto de ética política. O dolorismo cristão, conforme descrito por Sahlins, implica na conformação, na aceitação do que se sobrevém¹². A ética política (também religiosa) do Evaristo parte do não conformismo (tudo é passível de luta por mudança), que não atinge um estado disruptivo. A impossibilidade de mudar algo toma a aceitação como uma estratégia de não paralisar a luta em certos gargalos, levando a se pensar em alternativas, contraefetuando aquilo esperando do camponês-católico (que estaria amarrado às relações de clientelismo e suas consequentes paralisações e recuos em ações políticas). No modo como os pontos de pauta são debatidos, os moradores dizem que é a Serra do Evaristo que contribui para manter o município de Baturité, não o contrário. Por isso, podem e devem exigir direitos. Para eles, fazer política é um meio de vida, um meio de poder se manter na Serra, lugar do qual ninguém deseja sair.

A Associação é muito importante por se tratar de um modo de vida para muitos. Antes, a associação estava centrada em uma figura de liderança, no caso José Soares, primeiro presidente da associação, que, segundo contam, morreu por causa da derrota do Brasil na Copa e de tanto militar pela Comunidade. Agora, de acordo com o professor Evandro, existe “uma rede e uma cultura de se encontrar na comunidade, por isso não tem uma liderança, tem grupo de pessoas. Assim a luta continua e o movimento fica vivo, basta ver a insistência em fazer os jovens participarem de tudo. Quando é uma só pessoa ela morre e acaba tudo”. Vilson diz que a “diferença do Evaristo está no jeito de falar, vem do modo circular da organização”. Segundo ele, os pilares que sustentam a comunidade são: “primeiro religião, segundo família e depois diferença de consciência política, nessa ordem mesmo”. A religião, por exemplo, diz Vilson, “controla o jovem que sai e conhece coisas novas, para que não se perca e volte para lutar pela comunidade”.

Expressões do político-religioso no Evaristo: as festas comunitárias, o partido político, o sindicato e o tempo da política

Trabalhava no campo mesmo. Toda vida trabalhei no campo. E a gente sempre foi dessa família religiosa. A tradição daqui da comunidade é muito forte essa religiosidade na Igreja católica. Teve outras igrejas presentes também aqui, mas a minha família foi sempre mantida nessa religiosidade católica. A gente percebia que já era uma tradição antiga. Não era uma coisa que a gente criou, porque o pessoal mais antigo já vinha de muito tempo. Eles repassavam para a gente isso. Então a gente foi crescendo, e nesse movimento religioso sempre vem um padre que tem uma ideia diferente, uns revolucionários e outros menos, e a gente vai passando por essas etapas, né? Na vida. Eu acho que a gente foi crescendo um pouco na consciência política a partir do que alguns atores religiosos passavam, uns padres, eles passavam isso para a gente. Acho que teve uma época aí do Padre Fairos e da Irmã Toinha que foi tempo muito forte da Igreja que a gente teve mais consciência de uma Igreja que não só reza e que louva, mas que é mais atuante na vida das pessoas. Então com isso a gente adquiriu mais esse espírito. Porque eu acho que a gente estava um pouco adormecido. Porque é próprio dessa comunidade essa vontade de estar lutando por uma coisa, buscando por outras, né? Algum direito que a gente tenha... Então com esse apoio da

¹² Para outra situação para a qual se critica a visão do conformismo como característica do campesinato nordestino, ver o comentário de Sigaud (1996) ao livro *Death Without Weeping*, de Nancy Scheper-Hughes.

Igreja a gente reacendeu isso, né? E acredito que a partir desse tempo, que eu não posso precisar bem a data da passagem desse padre aqui, mas foi a partir daí que a gente criou essa nova consciência. E a comunidade foi evoluindo muito a partir daí. A gente mudou na tradição mesmo religiosa, que celebrava umas novenas, a gente foi modificando com algumas coisas litúrgicas, alguns gestos concretos, né? Por exemplo, ajudar algumas famílias, fazer um mutirão. Isso antes ninguém pensava nisso. Achava que era só o novenário, muito festejo, muitos fogos, essas coisas, né? Ai com o tempo, com essa conscientização, as pessoas passaram a celebrar um pouco. Então eu estou falando da religião porque a gente está muito ligado nisso, né? Tudo que a gente faz aqui é muito ligado à religiosidade. Até depois a gente foi se envolvendo mais um pouco no movimento político, que a gente era totalmente esquecido da coisa da política. E depois surgiu o Partido dos Trabalhadores e a gente começou a se identificar... Por falar em trabalhador, né? A gente achava “agora é o nosso partido!”, né? E a gente foi entrando nele. (Seu Alfredo, líder comunitário)

A primeira vez que fui convidado para uma reunião formal dos moradores do Evaristo fora da casa de Dona Socorro, foi para a organização da Semana da Consciência Negra da Comunidade. Em uma tarde de sábado, eu e um grupo composto por cinco mulheres, todas parentes, nos encontramos na Capela do Quilombo. Sentados em círculo, discutimos a organização das barraquinhas de comidas e bebidas. Era preciso definir quem executaria cada uma das atividades, como a construção da pequena tenda, o preparo dos alimentos, dentre outras. Além da equipe que ficaria na tenda servindo os pratinhos de creme de frango, arroz, paçoca, salada, as fatias de bolo e os copos de refrigerante, era preciso definir a equipe que se responsabilizaria pelo o caixa, vendendo as fichas com valores que seriam trocados pelos alimentos e bebidas. Meu encargo na reunião era, em princípio, apenas observar e “anotar as coisas”, como sempre me instruíam. No entanto, lembrando que eu sabia “mexer no computador”, as mulheres pediram-me para confeccionar os cartões de papel que serviriam como o vale-compras para os alimentos. Mais tarde, pediram-me para ajudar a comprar tecidos com o que chamavam de “estampas afro”, para vestir os *leigos*¹³ e enfeitar o altar durante a missa do dia 20 de novembro, missa afrocatólica inculturada que já se tornou costume local. Voltando à reunião, depois de aceitar, obviamente, o pedido que me fora feito, surgiu outro, esse bastante inesperado: “Cauê tu pode fazer a prece final?”, pediu Dona Socorro. Um tanto sem graça e sem saber o que fazer, disse que sim, que rezaria uma Ave Maria, já que Imaculada Conceição é a padroeira local. Dona Socorro interveio mais uma vez, solicitando que déssemos as mãos durante a oração. Com a Ave Maria, rezada em jogral – parte da mística aprendida com a Teologia da Libertação –, a reunião teve fim. A Consciência Negra, o catolicismo, os parentes e as mulheres são os elementos marcantes do primeiro ato político de que participei em campo: a organização da I Semana da Consciência Negra da Serra do Evaristo, acontecimento que marcava também a comemoração dos 25 anos da Associação de Moradores.

Sempre em círculos, sentados ou em pé, as reuniões sobre os mais diferentes assuntos acontecem na Capela ou no Ponto de Cultura, grande terraço construído acima do espaço das artesãs e da *lan house*, todos projetos comunitários construídos contíguos à Capela. O modo circular, como já comentado, é o modo pelo qual

¹³ No catolicismo, leigos são os cristãos que não fazem parte do clero, ou seja, não são ordenados nem fazem parte da hierarquia eclesial, mas participam ativamente de atividades ligadas à Igreja, até mesmo na eucaristia. A palavra deriva do latim *laicus* e da origem ao sentido usual de leigo. O leigo, portanto, é alguém que não passou pelos rituais católicos que o fariam um especialista, como o Padre, por exemplo (ver <http://www.cnlb.org.br/?wpfb_dl=7>). Uma das ênfases do Vaticano II foi a importância do papel do laicato na Igreja, que estimulou dentre outras iniciativas grupos organizados pelos próprios leigos, como é o caso do Evaristo e suas pastorais. Na Teologia da Libertação, destacam-se as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

se faz política e religião. Se faz e se vive, pois, como as palavras de Seu Alfredo demonstram, a religião católica e o envolvimento com movimentos políticos faz parte da vida do Evaristo. Portanto, se faz política e religião e se é católico e militante, não havendo espaço para pertencimentos formais, como a conhecida categoria católico não praticante. O verbo ser e o fazer são quase sinônimos aqui. Assim também o é no partido político. As pessoas não são apenas filiadas formalmente ao PT, mas militam pelo partido. Uma contextualização do momento da filiação mostra como essa forma de militância ocorre.

A filiação que aconteceu em massa no ano de 1989 não foi algo apenas para “ficar no papel”, mas resultou na participação ativa e contínua na militância partidária. Os contatos dentro do partido vão desde o comitê central do município de Baturité até Brasília, através dos candidatos-amigos que se elegeram e que os recebem de tempos em tempos quando, pela Obra Kolping ou por algum projeto relacionado ao quilombo, viajam a Capital Federal. Mais de uma vez, pediram-me para auxiliar na escrita de projetos não destinados a editais específicos, como os da Fundação Cultural Palmares, mas para levarem em mãos a algum deputado com quem mantêm relação.

Um desses dizia respeito à construção de um ginásio de esportes para escola, mas que fosse de propriedade dos quilombolas, não do município. À época, uma campanha do Governo Federal falava em saúde nas escolas, o que incluía merenda escolar, lazer e a prática de esportes. Seu Aldemir, com base no cartaz dessa campanha que ficava colado junto a uma das paredes da escola, perguntava-se se o fato de as crianças jogarem futebol descalças, no campo de terra vermelha, sem proteção contra o sol, estava de acordo com aquelas orientações da campanha. Era preciso chuteiras, bolas de futebol e de outros esportes e, é claro, de um lugar coberto e que tivesse água para as crianças beberem. Ele pediu-me para que fotografasse as crianças jogando bola no sol escaldante das 11h da manhã, algumas de chinelos, outras descalças, outras com tênis e sem garrafas d’água por perto – a água é sempre um elemento crucial nas formulações de reivindicações políticas e no modo de viver o ambiente na ecológica local. Ele trataria de escrever a carta a um deputado “amigo do Evaristo” com auxílio de outros companheiros de luta. Nunca fiquei sabendo se a carta foi escrita, mas até hoje a escola não tem seu ginásio. Outros esportes como capoeira e dança afro eram praticados no Ponto de Cultura, pois esse é protegido do sol e, por ficar em local mais alto, é mais ventilado.

Como Kuschir (2007), entre outros, demonstra, as relações políticas podem envolver políticos e outros agentes e adquirir cariz clientelista, nas quais se espera votos em troca de benesses imediatas ou num futuro breve. Além do mais, a autora denomina antropologia da política como sendo primordialmente a que se ocupa dos processos eleitorais, mais precisamente. Não é o caso do Evaristo, onde política conforme dito anteriormente, é um modo de vida, um modo de fazer territórios existenciais que se estendem para além das terras do quilombo. Política é espiritual, porque é religiosa, é um espírito e uma consciência que orienta as formas relacionais e a reciprocidade, a partir do que é próprio da Comunidade, segundo as falas dos moradores: “a luta por nossos direitos”. Assim, o exemplo do ginásio é um contraexemplo do clientelismo em prol de uma dádiva politizada das relações. O deputado continua sendo amigo, não importa os resultados. Ser amigo-companheiro-de-luta não é abalado por algo que não aconteça. É o acontecimento a própria relação, o que distancia o povo do Evaristo de outras modalidades de relacionamento político já conhecidas, o coronelismo seja da parte de

patrões ou de caudilhos. Nesse sentido a afirmação de Peirano (2002) de que político ou política é conceito que deve ser sempre etnográfico faz mais sentido aqui.

Mas não é só esse tipo de relação que se mantém com o PT, especialmente o local. As relações se dão na ordem mais formal ou institucional, como na ocupação por parte de pessoas da comunidade de cargos de tesoureiro, por exemplo – o que no sindicato é mais comum e de mais importância –, mas também de ordem afetiva. Nos encontros e reuniões, é sempre entre amigos, parentes, compadres e companheiros que se está. Os assuntos que ligam o quilombo à Brasília, como as eleições, não são apenas mediados por relações no nível local, mas são feitos diretamente no município. Isso não quer dizer, por exemplo, que não se saiba que não há contato pessoal com a ex-presidenta, mas que falar nela e sobre ela presentifica sua existência nesses encontros. “É como se o Lula estivesse aqui”, dizem. As figuras de Lula e de Dilma são particularmente próximas, assim como a de políticos de outros partidos são distantes. Estar em algum evento com o antigo Governador, Cid Gomes, cara a cara pode, e é, mais distante do que estar com Dilma, presente em panfletos, bandeiras, adesivos, camisetas e palavras. Assim, do modo como quase tudo no mundo do Evaristo acontece, as relações de proximidade são as de confiança, e o Partido dos Trabalhadores, assim como a Obra Kolping, conseguiram alcançar esse status de amigos-companheiros personificados em seus agentes mais próximos, em conjunção com emblemas e ícones que trazem para perto o que é distante. É como o *kirie èlison* que traz Maria para a Capela¹⁴. Mas essa é a Maria do Evaristo, assim como Lula e Dilma são os candidatos deles. Todavia, a força de Maria faz-se presente em diferentes intensidades.

Estava em campo durante o segundo turno das eleições presidenciais de 2014, época na qual Dilma, Lula e Aécio eram os principais assuntos em qualquer casa. Havia um grande temor com a possibilidade de o candidato Aécio Neves do PSDB ser eleito. Por isso, alguns habitantes saíam em missão para falar da palavra de Deus e das eleições também, pois Deus e Maria, assim como a candidata do PT, voltam seu olhar para os mais necessitados. A frase de Dilma, na qual dizia que governaria para os “pobres, negros e mulheres” foi slogan repetido durante longo período. O povo do Evaristo sentia-se ali incluído.

No dia da votação, o ritual é sempre o mesmo: todo mundo se veste de vermelho, fica na frente da escola, onde ficam as duas seções eleitorais com as urnas em que os moradores votam até as 17 horas e onde depois esperam pela apuração. Os poucos votos que se imagina que não são para o PT causam mal-estar, as pessoas ficam se lembrando de possíveis nomes e tentando estimar os que não são “companheiros”, que são “a gente feia” que vota na “direita”. Feiura tem a ver com o mal e com a direita, como fica claro nos julgamentos ético-estéticos dos habitantes. Depois disso, acompanha-se pelo rádio e pela televisão a apuração em âmbito nacional, para em seguida, caso a vitória seja do PT, acontecer uma carreata pelo quilombo. A carreata costuma ser feita a pé e em motocicletas, contando com um ou dois carros apenas, uma expressão de conformação ético-estética do território.

¹⁴ É interessante que a noção política de pessoa romana, que vai ser essencial na noção de pessoa bizantina, tem a ver com a presentificação das características particulares em diversas materialidades além do corpo (BONFIM, 2012). Como o autor demonstra, na Renovação Carismática Católica é o que acontece na presença das pessoas divinas. Por exemplo, todo mundo vê Jesus quando vê a hóstia consagrada, o Jesus Eucarístico, ou bate palmas quando Maria chega, na procissão de entrada, como [ou em sua, ou dentro da] imagem. Eles estão *no lugar* (Idem.). A Teologia da Libertação também enfatiza a imanência ao conceber Cristo encarnado nos pobres (eras tu, Senhor?). A mística, neste sentido, é uma ético-estética que associa proximidade, luta e confiança.

A tensão naquele segundo turno foi grande, pois até o último momento não se sabia quem ganharia. O que não impediu que os festejos já tivessem se iniciado, com bebidas e os gritos de “Dilma! Dilma!”. Durante a apuração, não se deixava de rezar também. Em determinado momento da noite, quando a Rede Globo transmitiu a comemoração de Aécio Neves, houve um silêncio geral, que foi logo substituído pela alegria de saber que Dilma tinha sido reeleita. Assim, a carreata saiu do Evaristo de Cima e foi até o Evaristo de Dentro e voltou para a casa de Merandolina (Evaristo de Cima), onde todos vestindo camisetas vermelhas comemoraram até a noite. A relação com o Partido dos Trabalhadores mobiliza a vida cotidiana e esquentam no ‘tempo da política’.

Logo após as eleições ganhas, já foi hora de voltar a se reunir com o PT local e tratar da cassação do então prefeito, cuja vice é do PT. O processo foi bem-sucedido. Com o prefeito afastado por quatro meses, foi possível reestruturar a escola da comunidade, os habitantes escolhendo colocar como diretor e como professores, moradores do quilombo; concursados, mas alocados em outras escolas por retaliação da prefeitura. Professor Evandro, importante liderança local, deixou a escola para ir trabalhar junto ao novo Secretário de Educação na sede do município. Além disso, a estrada do Evaristo que estava com a obra parada há anos teve seu reinício. Nesse período, Professor Evandro e Professor Antônio, então diretor, pediram-me para dar um curso de formação sobre a Lei 10.639, que institui o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira em todo o currículo escolar. Porém, tal lei não era cumprida por não haver investimento da prefeitura na formação e reciclagem dos professores da rede municipal¹⁵.

Após os quatro meses, o antigo prefeito retornou e essas mudanças que os moradores consideraram avanços foram interrompidas. A estrada acabou de ser construída por vontade e iniciativa dos próprios moradores, que pegaram as pedras e foram pavimentando. A escola, com a volta da antiga diretora e Secretário de Educação, mudou seus professores novamente, e a temática quilombola e do negro só entrou no currículo por que os moradores insistiram no cumprimento da Lei 10.639¹⁶.

Diante das dificuldades de relacionamento entre os quilombolas e os políticos do município, o nome de Dona Socorro passou a ser cotado para possível candidata a vereadora do PT e da comunidade. Delvane e outros “companheiros” do Partido, sempre que a viam, tocavam no assunto. Dona Socorro, no entanto, só falava em se aposentar da escola e se dedicar à Igreja, essa sim seria a verdadeira política para ela. Até onde sei, Dona Socorro segue fazendo política do mesmo jeito, na Capela, no sindicato, na Obra Kolping: candidatar-se a um cargo legislativo não é uma opção.

No café da manhã do dia seguinte às eleições, conversei com Seu Tonho sobre temas que ele considerava mais importantes na política local e nacional: água, corrupção e sobre uma matéria que assisti no Programa Ana Maria Braga, “uma matéria que só mostrava o lado ruim de tudo quanto é projeto do PT”, como a transposição do São Francisco, Barragens, Sertão, seca, cisternas, água limpa e da chuva, olhos d’água, fontes, Dilma, Lula... É importante destacar que a relação

¹⁵ O curso consistiu em uma manhã, em uma das salas da escola, onde apresentei a Lei e alguns exemplos de como estava sendo trabalhada em diferentes comunidades tradicionais. Todo o curso foi entremeado por perguntas e pelo diálogo. Como sempre, a forma de organização das mesas foi circular. Chamou atenção que, o professor mais interessado era o de matemática.

¹⁶ Enquanto redigia a tese, os habitantes do Evaristo tomaram frente contra a PL 4/2017, conhecida como projeto escola sem partido. Organizaram em diversas reuniões e manifestações que culminaram no dia 23 de outubro de 2017 com a não aprovação pela Câmara de Vereadores de Baturité, cf. <<https://esquerdaonline.com.br/2017/10/25/ceara-trabalhadores-derrotam-a-lei-da-escola-sem-partido-no-municipio-de-baturite/>>. Em relação à escola, conforme já aludido, mudaram o nome de 15 de Novembro para Osório Julião, morador antigo e de suma importância por ter doado as terras onde ficam a Capela e a Escola da comunidade (mudança ocorrida em 2017 também).

com a água na dialética entre escassez e abundância é de grande proeminência para as concepções éticas-estéticas do Evaristo, envolvendo desde políticos humanos até figuras da sobrenatureza como São Gonçalo, conforme visto mais adiante. A perseguição ao PT parece aproximar ainda mais os habitantes da Serra ao Partido Político. Esse tipo de proximidade ocorre, também, com a Obra Kolping, os sindicatos e a Associação. “Tudo que é pra melhorar, que é da esquerda, que é do povo, é perseguido. E a gente faz parte de todos esses movimentos” (Seu Tonho).

Catolicismo local, engajamento e território

Um dos moradores contou que antigamente participava muito da Igreja, que era catequista e estava presente em todos os momentos religiosos na capela; contudo, passou a ser julgado por seu comportamento fora da Igreja, porque bebia. Em sua concepção, o que faz fora da Igreja só diz respeito a ele. Mas “todo mundo só sabe julgar e falar mal; a Igreja tá em todo o lugar do Evaristo”. Agora, só frequenta às quartas-feiras o terço dos homens, “e já é muito”. Seu irmão, nascido e criado no Evaristo, teve o batismo de seu filho negado por ter “se ajuntado”, “sendo que ele era batizado, tinha feito a primeira eucaristia e a crisma aqui”. Mas foi em Baturité que se aceitou batizar a criança. O morador também conta que a rigidez é muito grande, maior que a da Igreja Matriz da Cidade. Do lado dos que “tocam” a Capela, o discurso não é diferente: “aqui tem que participar desde pequeno mesmo, até casar e depois poder ser padrinho de alguém”. A catequese começa quando a criança tem um ano de idade e vai até completar 14 anos, quando acontece a crisma. Quando os pais da criança são espíritas, Dona Socorro permite que se batizem os filhos. “Pior que ser espírita é não ter religião nenhuma”. “[Tem certas famílias que] não vão na Igreja, não são crentes, não são espíritas, não vão na umbanda nem no candomblé. Não são nada! Por isso a galinha *malassombrada*¹⁷ vive lá”.

Tais falas são representativas da impossibilidade de não se engajar plenamente no catolicismo, sob o risco de esse fato ameaçar a integridade do território existencial do Evaristo. Assim, é melhor que tais pessoas sejam afastadas da Comunidade. Nesse sentido, a figura de Dona Socorro atua como personificação dos princípios éticos-estéticos, capazes de conformar um catolicismo local em contraposição a outros catolicismos, como o da Igreja Matriz de Baturité, e estabelecer aproximações gradativas que encontram limite não em outras religiões, mas na ausência da mesma, ocasionando o contrário da existência expresso no *malassombro*. Além de uma vida de dedicação ao catolicismo, da já mencionada organização circular, Maria é figura central. Suas novenas, os ofícios e a intercessora Mãe Feliciano¹⁸ fazem do catolicismo local algo único, imanente a toda a vida cotidiana.

Tempo de Maria

O mês de maio é dedicado à Maria, com novenas diárias e ensaios para o dia da sua coroação. Na primeira semana em que estive em campo, pude acompanhar os ensaios, nos quais cantam as virgens (meninas com menos de treze anos), os

¹⁷ Ver MACHADO (2018).

¹⁸ A figura de Mãe Feliciano que aparece ao longo da tese e a ideia de que o catolicismo local é imanente, participando do cotidiano, retiram a devoção local do esquadramento de catolicismo popular para abrir espaço para noção de catolicismo local.

anjos (crianças pequenas), além de outras crianças e adultos que participam com “ofertas”. As ofertas consistem em flores e palavras escritas em papezinhos, além do rosário e do barco, pois Maria, além de dona do céu e dos planetas, deve ser lembrada em suas invocações de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora dos Navegantes. As rosas são um entendimento comum de Maria, as outras ofertas dizem respeito às devoções particulares do Evaristo. Além delas, uma mulher da comunidade, Rainara, interpreta Maria. Primeiro Rainara canta na sacristia. Na sequência, vai ao púlpito e canta a ladainha em latim. Trata-se da música de coroação, de acordo com Dona Socorro. É nessa hora que no dia trinta de maio Maria será coroada, como explica Dona Socorro:

É o canto. É um canto através de um verso que elas ofertam cantando e também de uma flor. No dia da coroação, elas ofertam uma flor. Entendeu? E depois das ofertas têm aquelas outras pessoas que ficam lá no altar, como você pôde ver. Ficam lá as pessoas que damos o nome de virgem. Quatro virgens. Sim. Rainha do sol, da lua e das estrelas. Tem também, você não viu, mas tem outra apresentação que é a do barquinho. Porque também a representação de Maria, Nossa Senhora dos Navegantes. Então tem o barquinho para ser ofertado. Tem rosário, que é ofertado também por causa do título de Nossa Senhora do Rosário. E tudo é através do canto. Tudo elas vem cantando, quando se aproximam dos anjos elas ofertam e os anjos ficam.

A novena de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da Comunidade, acontece nos nove dias que antecedem o dia 8 de dezembro, dia de Conceição e de Celebração na Comunidade. No primeiro dia, há uma pequena procissão com a imagem, que percorre parte da comunidade até entrar de volta na igreja, ao som de suas ladainhas. A procissão é seguida do levantamento da bandeira. A bandeira, em tecido simples, branco e antigo, já está se rasgando – comentam que já está na hora de fazer outra. Nela, há uma aplicação de outro tecido no qual há a imagem de Imaculada Conceição pintada à mão. Duas faixas de TNT são amarradas à ponta da bandeira, uma amarela e outra vermelha.

A igreja é enfeitada, a imagem de Nossa Senhora Conceição fica no chão sobre tecidos e luzes de Natal. A partir do segundo dia, o retrato de Maria de Lourdes da Conceição, a Mãe Feliciano, criadora da novena, passa a ficar aos pés da Virgem. A novena conta com o *Kyrie Elyson* em latim local – um patrimônio linguístico, musical, político e religioso da comunidade. Naquele ano, o horário de início das novenas, que a princípio estava marcado para as 19h, foi antecipado para não se quebrar a tradição. Isso porque, outras comunidades que são convidadas para celebrar – como é de costume num circuito de novenas, festas e missas em comunidades vizinhas – não fazem a novena do mesmo modo. Mais de uma vez, alguém me perguntava se eu já havia assistido a uma “novena desse jeito”, “porque não existe igual”, “só na nossa comunidade”.

O levantamento da bandeira é acompanhado por foguetório, muitas saudações e alegria. É tempo de Imaculada Conceição. O tema de 2014 foi “Nossa Senhora Conceição ensina-nos a viver em comunidade”. A cada noite, celebrava-se a partir de um subtema, e tem como responsável pelo andamento de tudo a pastoral escolhida para cada noite, além dela, os “noitários” que cuidam da parte externa da igreja e soltam foguetes, sendo responsáveis para que tudo aconteça como deve ser. As festividades, portanto, são momentos de formação bíblica e de organização comunitária, por isso as novenas são políticas. Os temas e subtemas são uma orientação para o aprendizado de como o texto bíblico pode ser vivido no cotidiano em termos de relações e lutas, com temáticas anuais (segue-se a Campanha da Fraternidade).

Para o evento, monta-se uma barraca feita de troncos finos de árvores, lona azul, uma mesa e 4 cadeiras. Os notários arrumam, todas as noites, as mesas e

cadeiras de plástico próximo à barraca. Na barraca, vende-se um pratinho por 3 reais (creme de frango, arroz branco, baião de fava, farofa de farinha amarela, verdura [salada] de beterraba e cenoura), caldo de carne (1 real), bolo de milho (1 real), copo de refrigerante (50 centavos), além de xilito (salgadinho industrializado), bombons pirulitos e outros doces. Ao final da função, tudo é guardado dentro da igreja.

A intensidade da novena é cansativa, mas não tanto quanto no mês de maio quando todos os dias são ocupados por novena. A Capela está sempre lotada – todo mundo participa e contribui de algum modo. No dia da bandeira, a toalha do altar era verde e os tecidos e luzes aos pés da imagem eram azul escuro. No outro dia, as toalhas mudaram para cor lilás. Aos pés da imagem, um tecido vermelho coberto por renda branca e luzes de Natal transparentes. Embora não seja uma cor litúrgica, o azul está ligado à Nossa Senhora Conceição, pois é uma cor permitida para os cultos marianos, ao passo que o verde é do tempo comum, e o lilás (variação do roxo) é o advento.

O dia 8 de dezembro é feriado local, assim como o 20 de novembro. No Evaristo, a Comunidade pode escolher feriados, datas festivas, dias santos e lutos, quando ninguém deve trabalhar ou estudar, independentemente do que determina o Estado.

Encerrada as comemorações de Imaculada Conceição, iniciam-se as novenas de Natal, mais precisamente no dia 18 de dezembro. Essas são realizadas nas casas das pessoas. Além de montar um altar com os santos que se tem em casa e uma vela branca acesa, quem recebe a novena deve oferecer comensal e bebidas para os que dela participam. As ladainhas sempre contam com “noite feliz” ao final, durante o “abraço da paz”. Desse modo, as novenas são um modo de Maria circular por todo o território, de forma concentrada na Capela no mês de maio e na primeira semana de dezembro, mas espalhada pela comunidade no natal e em momentos em que se decida realizar celebração na casa de alguém impossibilitado de ir à igreja.

Missa afro, inculturação e re-existência quilombola

Por ocasião da comemoração dos 25 anos da Associação Kolping Serra do Evaristo, a comunidade resolveu realizar a I Semana da Consciência Negra, que foi incorporada ao calendário anual de celebrações desde então. Com isso, trouxeram para o catolicismo local elementos da cultura negra e da pastoral afro, passando a realizar missa inculturada afro todo dia 20 de novembro. Com vários planos em mente, Professor Evandro convidou-me para ajudar a pensar nas atividades que poderiam acontecer, ele tinha em a ideia de fazer uma exposição fotográfica em que momentos importantes desses vinte e cinco anos pudessem ser lembrados pelos mais velhos e conhecidos pelos mais novos. Assim, partimos em busca dos álbuns de fotografias da Associação e de antigos moradores. Depois de selecionadas fotografias, atas, documentos da fundação, imagens da Obra Kolping, decidimos que eu poderia levar cada uma dessas imagens para serem impressas em tamanho A4 para fazer cartazes. Eles ficariam em uma exposição, decidiu-se que na sequência haveria um café comunitário. Fiquei responsável, também, por fazer o cartaz com a programação assim como comprar em Fortaleza alguns tecidos com estampas afro para a missa inculturada que aconteceria na manhã do dia 20 de novembro. Essa seria realizada por um padre amigo de luta da comunidade. Da Obra Kolping, já tinham emprestadas as vestes dos leigos

para a celebração. A outra atividade seria o II Encontro dos Guardiões da Memória – reunião em que os mais velhos se lembram do passado na Serra.

De todas essas atividades, apenas a exposição teve de ser cancelada, pois a montagem, dentro de uma das salas de aula, feita com tecidos escolhidos pelo professor foi difícil. Para o Dia da Consciência Negra, bonitas (e bonito significa bom) eram as cores que lembravam a África. Assim, o plano foi o de transformar a Capela local em um ambiente o mais africano possível, desde as toalhas em tecidos com estampas afro, que cobriam o púlpito e o altar, até as roupas e turbantes que os “tamboreiros” e os jovens que fariam a procissão de entrada da Bíblia usariam. Mas a estética que inclui as cores, o som do tambor, a dança, também precisava estar nas palavras proferidas. Assim, uma pesquisa sobre cânticos litúrgicos usados em missas inculturadas foi realizada e foi por meio desse estudo que o Canto à Zumbi foi escolhido como música de entrada, e *Nego Nagô* como o canto da oferta.

A condução da missa segue ‘O Ofício dos Mártires Escolhidos’, ao som de *‘lembramos de Zumbi em todos os altares/pois derramou seu sangue/no quilombo dos palmares/rogai por nós/rogai por nós’* cantado e tocado com os tambores. O padre, que vestia batina branca com a estola em tecido afro, acompanhado da Bíblia carregada por Nathalia e dos cestos de frutas carregados por Abel e por Naiara, que vestiam batas e turbantes, deu início a missa. A capela estava lotada e o sermão comparava a luta de Zumbi dos Palmares à de Jesus Cristo, a luta contra opressão, que o padre dizia ser a luta do povo do Evaristo contra as injustiças sociais, especialmente o racismo. O padre, assim como as animadoras litúrgicas, dançava sempre que alguma música era cantada.

Durante a oferta, ouviu-se: *‘Eu vou tocar minha viola, eu sou um negro cantor/ O negro canta deita e rola, lá na senzala do Senhor/ Dança aí negro nagô (4X)/ Tem que acabar com esta história de negro ser inferior/ O negro é gente e quer escola, quer dançar samba e ser doutor/ Dança aí negro nagô (4X)/ O negro mora em palafita, não é culpa dele não senhor/A culpa é da abolição que veio e não o libertou/ Dança aí negro nagô (4X)/ Vou botar fogo no engenho aonde o negro apanhou/ O negro é gente como o outro, quer ter carinho e ter amor’*, o que emocionou muitos. A oferta que, na missa afro, inclui alimentos e não apenas dinheiro, proveu boa parte do café comunitário que se seguiu ao final da missa na palhoça ao lado da capela. Durante os 40 minutos de missa, pode-se observar a mudança no olhar dos presentes; muitos dos que pensavam que a missa se tratava de algo feio, portanto ruim, acharam tudo muito bonito, portanto bom. “Foi maravilhoso Cauê, tu viu que as crianças até prestaram atenção?”

Ao final, *O Canto das Três Raças* (uma referência musical não litúrgica), imortalizado na voz de Clara Nunes, foi o ápice da celebração, quando mesmo os que achavam tudo um tanto estranho, decidiram pegar pedaços de chita que estavam pelos lados das cadeiras da igreja e improvisar turbantes e sair dançando durante o abraço da paz. Além desses, para eucaristia e para comunhão, cânticos específicos da missa afro foram escolhidos.

Ainda que polêmica em várias esferas da Igreja Católica, a inculturação no caso em pauta é a possibilidade da passagem de uma estética negra enquanto bela e não exótica, mas como o *reclaim* de Stengers, que venho chamando de re-existência, porque, ao contrário de uma etnogênese, heterogênese, ou qualquer-gênese, re-existir traz à existência um novo, que não é novo exatamente, mas foi por muito tempo “adormecido”, como diz Seu Alfredo. Os tradutores do artigo de Stengers escolheram o verbo reativar para traduzir *reclaim*, mas no sentido do quilombo do Evaristo, poderia ser “reacender algo que estava apagado” ou

“aprender aquilo que a gente sempre foi”. Por isso, até mesmo no sentido artístico de Guattari, uma resistência é sempre re-existência, novas formas de habitar o mundo, que vai ao encontro da formulação de Stengers (2017: s/p):

Reativar começa pelo reconhecimento do poder que esse meio tem de contaminar, um poder que não se deixa abalar nem um pouco pela ideia da triste relatividade de todas as verdades. Muito pelo contrário, na verdade, uma vez que o triste refrão do relativista – triste porque monótono – diz que nossas verdades não têm “realmente” a autoridade que elas alegam ter. Reativar significa reativar aquilo de que fomos separados, mas não no sentido de que possamos simplesmente reavê-lo. Recuperar significa recuperar a partir da própria separação, regenerando o que a separação em si envenenou. Assim, a necessidade de lutar e a necessidade de curar, de modo a evitar que nos assemelhemos àqueles contra os quais temos de lutar, tornam-se irremediavelmente aliadas (2017: s/p).

Assim, não se trata de um processo de ruptura e da emergência de novas identidades étnicas, mas um *continuun* da experiência religiosa e política que agora existe de outra forma dentro do mesmo território existencial. Lutar e curar é re-existência.

Conclusão: o que é quilombo mesmo?

Anjos (2017) vem trazendo de volta o biológico para a noção de raça, porém sob outros termos: como *eco-bio-psíquico-social*¹⁹. O autor apoia-se na ecologia ingoldiana e na ideia no corpo que “se faz” raça, o que um corpo é capaz de ‘suportar’ – e ‘suportar’ é como o ‘ecoar’ no sentido musical, aquilo que reverbera o quanto e como é possível em determinado instrumento. É preciso levar em conta que as pessoas acionam a gramática do biológico ao falar de raça; além disso, trazer novas ecologias e biologias desestabilizam noções demasiadamente ocidentais dessas disciplinas incorporadas pela antropologia que cuida do corpo e do ambiente. Wade (2002) já traça essa ideia, é preciso reconhecer, diz o autor, que as pessoas comuns têm suas próprias ideias sobre ‘essência’, ‘natureza’ e ‘biológico’. Além disso, o ambiente propicia o modo como raça é incorporada aos corpos, pois os espaços, são eles mesmos racializados²⁰. Desse modo, as proposta de Wade (2002) e Anjos (2017) apontam para a necessidade do estudo particular dos efeitos de raça. Aqui uma teoria geral sobre o Brasil não faria sentido se não confrontada à etnografia e às diferentes formações históricas. De la Cadeña (2000 *apud*. WADE, 2002) pode oferecer chave interessante para pensar no racismo para com o migrante nordestino, ao falar em um ‘racismo sem raça’ no Peru, no qual: ‘as práticas discriminatórias derivam da crença na inquestionável superioridade intelectual e moral de um grupo de peruanos em relação aos demais’. Por isso, ainda que um ambiente racializado comporte as formas de discriminação do branco sobre o negro, e dos não-indígenas sobre os indígenas, somente os significados locais atribuídos a cada uma dessas existências e de outras que não necessariamente existam na chave das ‘três raças’ e suas versões puras ou misturadas, pode falar do racismo em um lugar tão singular como o Evaristo. Sua comparação com qualquer outro quilombo, sem um refinamento na descrição de cada categoria

¹⁹ Para o autor, é preciso pensar raça em um *posteriori* sócio-histórico que produz efeitos bio-antropológicos, assim a reintrodução do biológico não implica nenhum essencialismo racial. É preciso notar, nas performances cotidianas, as implicações ontológicas, com a raça eclodindo no corpo – e crescimento, no ambiente/território. Assim como demonstrou Franz Fanon, é preciso lidar com os efeitos de raça. E quando penso no Evaristo, é esse tipo de efeito que o quilombo produz, aquele do ‘ter de lhe dar com a aparência de negro [quilombola ou nordestino, quando no sudeste]’. Esses são os efeitos corporais, também ecológicos, sobre os quais a teoria de Anjos (2017) propõe que nos demos conta ao estudar raça, o que chama de ‘suportar’.

²⁰ Basta ver a interessante análise de Dressler sobre doenças que os negros sofrem devido a seus ambientes de extrema cobrança e preconceito, o que acarreta, por exemplo, problemas de hipertensão.

êmica, produz nordestes, pessoas e raças inexistentes. Outrencídeos²¹, que substituem teorias do branqueamento e da mestiçagem por outras pretensamente mais ‘corretas’, porém, que não deixam de configurar novos clichês de cunho universalista e generalizante. Raça como ecologia, como produto do ambiente incorporado é uma tentativa de enriquecer o debate e a descrição.

No Evaristo, é a própria ecologia no território que comporta uma estética da re-existência. Quilombo e quilombola no Evaristo se faz raça nos corpos e no lugar, ambos agora territórios existenciais. Não obstante, o Quilombo do Evaristo está ligado à religião-política que praticam em um ambiente. Por isso, é Zumbi ligado à ‘ladainha dos empobrecidos’. É do e no catolicismo local, de luta contra a opressão, que quilombo tem seu lugar. E raça também. Quem a ‘suporta’ é todo aquele que faz parte do Evaristo, que está ligado ao território-parentesco, que pede benção aos mais velhos e a dá aos mais jovens. A cor da pele vem ganhando forma e força a partir das reflexões ensejadas pelas missas inculturadas²² e pela própria Obra Kolping em seus encontros regionais e nacionais, que discutem raça e cultura.

Anualmente, na festa da vida, organizada pela Obra Kolping do Ceará, diferentes tendas apresentam diferentes culturas e como cada uma delas vive o catolicismo. Nelas, os habitantes do Evaristo apresentam sua cultura, como na Dança de São Gonçalo, mas também se conectam cada vez mais com outras “tradições”, como a dos indígenas. “A festa da vida é muito linda, tem lugar para todo mundo, tem até os índios”, celebra Dona Socorro.

Ao final, com missa inculturada, todos voltam com cocares e fotos que haviam tirado com os indígenas também participantes da festa. “É porque somos as populações tradicionais”, fala essa que se repete na boca de vários habitantes. Portanto, é também do encontro com o indígena, seja via sítio arqueológico, ou nas trocas coreográficas e educacionais – como no já referido Projeto Afroindígena de trocas entre os jovens do Evaristo e os Canindé –, bem como, e principalmente, pelo catolicismo local e suas conexões com a Teologia da Libertação e com a inculturação católica, que quilombola existe aqui. Portanto, é, também, do encontro com ‘a cultura indígena’ que o ‘encontro’ com o índio e o negro se dá, e o quilombo ‘acontece’.

Desses diferentes encontros o quilombo é contraefetuado como cultura, raça, tradição e religião. Não se trata de uma noção cultural de étnico-racialidade, tampouco de uma noção biológica, pura e simplesmente, mas uma noção que coloca sobre o ‘eco’ da ecologia da vida, das ‘revoluções ecológicas’, especialmente ‘subjetivas’ (*sensus* GUATTARI, 1995) que acontecem nas contraefetuações políticas que os habitantes da Serra fazem o tempo todo, e de uma casa (*eikos*) [ambiente, arquitetura e parentesco] que se faz o território e o corpo como existenciais. O Quilombo do Evaristo é o quilombo dos agricultores-católicos que resistem, que

²¹ Inspirado em Gilles Deleuze, outrencídeo é o assassinato da própria possibilidade de outrem. O outro já assassinado antes mesmo de chegar a existir em sua diferença, sempre como uma representação equivocada que já o mata de partida (Ver Sexta-Feira e a Ilha Deserta).

²² A teoria da inculturação entende que a revelação divina não aconteceu somente para os judeus, mas para todos os povos, e cada povo possui um pouco da verdade revelada. A inculturação no Brasil mostrou-se sensível à participação do Catolicismo na colonização, e, gerando uma ideia de missão que visa mais à preservação da vida desses povos do que exatamente à conversão (mais em silêncio, como diz a tese de Marcos Rufino), gerando casos como as irmãs de Jesus que estão entre os Tapirapé, mas não realizam proselitismo em termos de catequese, apenas se engajam no cotidiano da aldeia segundo as determinações das lideranças locais. A Teologia da Libertação vai fornecer à inculturação esse componente de comparação intercultural de luta contra a opressão, algo também encontrado em teologias protestantes (ver Hoffman 2016). Uma inflexão interessante é a mudança das categorias de oprimido e de pobre para populações tradicionais, o que encerra um viés culturalista não apenas da igreja católica, mas dos próprios movimentos sociais e acadêmicos que lançam mão da mesma.

sempre resistiram e [agora] re-existem, reacendendo, reivindicando, reativando, criando novas possibilidades de habitar o mundo e com elas criando novas existências para o sentido contemporâneo de quilombo, contra-efetuando a noção jurídica e de algumas antropologias.

Recebido em 8 de outubro de 2020.

Aceito em 27 de novembro de 2020.

Referências

ALARCON, Daniela. *O Retorno da Terra: retomadas na aldeia Tupinambá da Serra do Padeiro, Sul da Bahia*. Dissertação de Mestrado: PPGAS, UnB, 2013.

ANJOS, José Carlos Gomes dos. *Raça um conceito eco-bio-psíquico-social*. Palestra proferida no PPGS/UFRGS: 2017.

BISPO dos SANTOS, Antônio. *Colonização, Quilombos: modos e significados*. Brasília: Saberes Tradicionais UFMG, 2015.

BONFIM, Evandro. *A Canção Nova: Circulação de dons, mensagens e pessoas espirituais em uma comunidade carismática*. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro; PPGAS-MN/UFRJ: 2012.

COMERFORD, John Cunha. *Como uma Família*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2012

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 1990.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Ed. 34, 1995.

KUSCHNIR, Karina. *Antropologia da Política*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MACHADO, C. F. *Ecos de um quilombo: estética da re-existência na Serra do Evaristo*. Rio de Janeiro: PPGAS Museu Nacional/UFRJ (Tese de doutorado), 2018.

MACHADO, C. F. “Rodativas da vida e o tudo circular”: a Dança de São Gonçalo e a contra-efetuação da política no Quilombo da Serra do Evaristo/CE. 2021 (no prelo).

STENGERS, Isabelle. Reclaiming Animism. In: *E-flux journal*, 36, jul. Disponível em: <http://www.e-flux.com/journal/reclaiming-animism/> acesso em : 2012.

VIVEIROS DE CASTRO, E. “Uma boa política é aquela que multiplica os possíveis”. In: VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Encontros*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

WADE, Peter. *Race, nature and culture: an anthropological perspective*. London/Virginia: Pluto Press, 2002.